

COMPROMISSO SOCIAL E LIBERDADE

“Por causa do amor, servi uns aos outros como escravos e escravas”

Reflexão sobre Gálatas 5,13-26

Dietlind Nüesse

Introdução

A carta aos gálatas é considerada pelos exegetas entre aquelas autênticas de Paulo. As frases: “*É para a liberdade que Cristo nos libertou*” (Gl 5,1) e “*Vós fostes chamados à liberdade, irmãos*” (5,13), indicam o conteúdo principal desta carta. Por causa disso foi muitas vezes chamada “a carta magna da liberdade”.

É uma carta de muita controvérsia, a mais radical das cartas paulinas. É um escrito polêmico, escrito com muito fervor e sentimentos de raiva e ternura ao mesmo tempo. A sua indignação mostra-se também no fato que esta carta não começa com ação de graças nem termina com a bênção, como é costume nas suas outras cartas. Percebe-se em cada linha a preocupação de Paulo em relação às comunidades na Galácia. Ele se sentia bem entre os gálatas, foi recebido por eles com muito amor na sua viagem missionária. Paulo sabia que as comunidades aceitaram com entusiasmo a fé em Jesus Cristo. Mas logo depois da sua última visita, provavelmente durante a sua estada mais longa em Éfeso, recebeu a notícia de que outros missionários judeu-cristãos tinham chegado à região, perturbando as comunidades com as suas pregações. Talvez foi um grupo ligado a Jerusalém ou judaizantes dessa região. Eles estavam pregando a necessidade de aceitar a circuncisão e a observância rigorosa da lei mosaica para ser plenamente justificado diante de Deus. Também questionaram a autoridade de Paulo como apóstolo e missionário.

Com todo o empenho ele escreve no ano 53/54 dC, a data mais provável conforme as últimas pesquisas (outras opiniões colocam a carta por volta de 56/57 dC) a sua carta de defesa contra os agitadores. Com veemência justifica o seu evangelho pregado aos gálatas, pois percebe com muita intuição a seriedade do problema em questão. A autêntica fé em Jesus Cristo, a essência do evangelho da libertação e da missão de Paulo estão em jogo. Todos os gentios são chamados a serem seguidoras e seguidores do Senhor, continuando a viver as suas expressões culturais, seus costumes, se não forem opostos aos ensinamentos de Jesus. Através das notícias que Paulo recebeu, percebe que os gálatas estão inclinados a abandonar a liberdade que adquiriram pela fé em Jesus Cristo e voltar de novo à escravidão de antes. “*É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permaneci firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão*” (5,1). *Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, agora acabais na carne?*” (3,3) e mais: “*Não é para o bem que eles vos cortejam. O que querem (os agitadores) é separar-vos de mim para que vós os cortejeis a eles*” (4,17).

É como se voltassem à vida idólatra de antes. Através da fé em Jesus Cristo eles são libertos de qualquer tipo de escravidão. Para Paulo há somente uma decisão a fazer: Aderir a Jesus Cristo, um caminho aberto para todos os povos e todas as culturas ou querer ser salvo pela prática da Lei mosaica ou outras leis. Paulo afirma: “*Em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade*” (5,6; cf. 6,15). Com esta posição Paulo eliminou a circuncisão que discriminou outras culturas e as mulheres, eliminou toda a lei que classificou as pessoas em puro e impuro. Pois a questão da circuncisão não tinha somente o aspecto religioso, mas também os aspectos político-sociais. Quem se decide pelo caminho da fé em Jesus Cristo sabe que toda a graça é gratuita. A resposta ao amor do chamado seria o amor incondicional a Jesus, manifestado no amor aos irmãos. Poder amar é a liberdade para que Jesus Cristo libertou os gálatas, não para cumprir ritos e costumes exteriores.

A *divisão da carta* deixa claramente perceber as oposições que Paulo coloca diante das comunidades gálatas: lei ou fé, lei ou Espírito, lei ou promessa, liberdade ou escravidão, carne ou Espírito.

1,1-10: Introdução: Saudação e colocação da situação: “Há alguns que estão querendo corromper o Evangelho de Cristo”.

I. 1,11–2,21: *Parte autobiográfica*

1,11-17: Formação e vocação de Paulo

1,18-24: Início do seu trabalho missionário

2,1-10: Paulo e sua missão são reconhecidos em Jerusalém

2,11-21: Paulo se confronta com Pedro

II. 3,1–4,31: *Parte doutrinal*

3,1-14: Lei (carne) e fé (Espírito)

3,15-22: Lei e promessa

3,23-29: Lei (pedagogo) e fé (Salvação em Jesus Cristo)

4,1-11: Lei (escravidão) e filiação (herança)

4,12-20: “Sede como eu” – Paulo e os gálatas

4,21-31: Alegoria de Agar (escravidão) e Sara (liberdade)

III. 5,1–6,10: *Parte parenética*

5,1-12: Liberdade cristã x escravidão

5,13-26: Chamados à liberdade no amor: Carne x Espírito: v. 13-15.16-26

6,1-10: Alguns conselhos práticos: A lei do amor mostra-se na caridade fraterna

6,11-18: Conclusão e despedida – assinatura de Paulo, a glória na cruz, bênção final

1. O Capítulo 5

O capítulo 5 que vai ser analisado em seguida é incluído na terceira parte da Carta, na parte parenética que vai de 5,1–6,10 conforme a divisão apresentada. Neste capítulo encontram-se duas mais longas colocações de Paulo introduzidas por “*Atenção! Eu, Paulo vos digo*” (v. 2) e “*Ora, eu vos digo*” (v. 16). O v. 1 é o elo entre o capítulo 5 e o anterior, cuja temática é a liberdade cristã frente à lei.

No primeiro bloco, v. 2-12, Paulo opõe-se àqueles que exigem a circuncisão e a observância rigorosa da lei. Ele termina com uma palavra bastante sarcástica em relação aos defensores, àqueles judaizantes que estavam perturbando as comunidades cristãs: “*Que se façam mutilar de uma vez aqueles que vos inquietam*” (v. 12).

O segundo bloco maior, v. 16-26 é concentrado na antítese “Espírito” – “carne”. O Espírito com seu fruto é a força que deve guiar os cristãos e não as obras da carne. Nos versículos 24-26 Paulo retoma a contraposição Espírito e “carne”. A forma apelativa do v. 25 prepara o capítulo seguinte que trata das conseqüências práticas resultantes da vida no Espírito: “*Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta*”. O v. 26 conclui a parte anterior e com o v. 15 sintetizam o contrário do amor e formam assim uma moldura para os versículos 16-25.

Os v. 13-14 unem os dois pronunciamentos de Paulo, colocando o mandamento do amor no centro.

Assim percebe-se a seguinte *divisão*:

- v. 1: Liberdade x escravidão
- v. 2-6: Justificação pela lei x justificação pela fé
- v. 7-12: Comentário do v. 6
- v. 13-14 : Liberdade x carne: servir por amor é a plenitude da lei
- v. 15: O contrário do amor
- v. 16-25: Obras da carne x fruto do Espírito
- v. 26: O contrário do amor

Para a nossa reflexão escolhi a perícopes 5,13-26, cuja análise segue:

v. 13: Pois vós fostes chamados à liberdade, irmãos, irmãs. A liberdade, porém, não seja pretexto para os instintos egoístas (carne), mas por causa do amor servi uns aos outros, como escravos e escravas.

v. 14: Pois toda a lei está realizada plenamente numa só palavra: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*”.

v. 15: Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, cuidado, que não sejais eliminados uns pelos outros!

v. 16: Eu digo então: andai no Espírito e jamais realizais o desejo dos instintos egoístas.

v. 17: Pois os instintos egoístas são contra o Espírito e o Espírito contra os instintos egoístas. Eles se opõem uns aos outros, de modo que não fazeis o que quereis.

v. 18: Se, porém, sois guiados no Espírito, não estais sob a lei.

v. 19: Ora, as obras dos instintos egoístas são conhecidas, as quais são: prostituição, impureza, libertinagem,

v. 20: idolatria, feitiçaria, inimizades, contentas, raiva, rivalidades, divisões, dissensões,

v. 21: invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas, sobre as quais vos digo, assim como já antes disse: os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus.

v. 22: Por outro lado, o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, generosidade, bondade,

v. 23: mansidão, autodomínio. Contra tais coisas não existe lei.

v. 24: Os que são de Cristo Jesus crucificaram os instintos egoístas com as paixões e os desejos.

v. 25: Se vivemos no Espírito, então no Espírito andemos.

v. 26: Não sejamos cobiçosos de vanglória provocando-nos uns aos outros e invejando-nos uns aos outros.

2. Delimitação externa

A escolha dos versículos 13-26 do capítulo 5 para a análise literária pode se justificar. Com o v. 13 Paulo coloca claramente um outro acento. O tema da circuncisão dos versículos anteriores não volta mais. Inicia-se a parte parenética da carta. Depois de um tom bastante mordaz do v. 12 ele volta ao apelo da liberdade à qual foram chamados os gálatas, retomando o programa do v. 1. Da forma verbal do conjuntivo no v. 12 muda para o indicativo no v. 13.

O v. 26 retoma numa maneira diferente na forma verbal do conjuntivo da 1ª pessoa plural o que o v. 15 expressa. Isso dá a forma de inclusão aos v. 16-25.

No v. 1 do capítulo 6 há uma nova introdução com o vocativo “irmãos” e muda a pessoa para “vós”. Os v. 1-10 falam sobre várias concretizações da vida no Espírito. Paulo, preocupado para que a liberdade do jugo da lei não se torne libertinagem egoísta, afirma a estreita ligação da liberdade cristã com a responsabilidade da vivência do amor.

3. Composição e estruturação do texto

3.1. Subdivisões internas e coesão

A perícopes pode ser dividida em três parágrafos: v. 13-15.16-24 e 25-26. O v. 13 que começa com a conjunção “pois” dirige-se com o “vós” às comunidades cristãs da

Galácia. Paulo trata os cristãos com o título “irmãos” que foram chamados à liberdade pela fé em Jesus Cristo. O substantivo liberdade faz a ligação com a segunda parte da frase começando com “porém não”. É colocada uma oposição entre a liberdade que se torna libertinagem quando dá ocasião à “carne”, e a liberdade que leva ao serviço mútuo na entrega total de si, “servindo uns aos outros, como escravos”.

Este serviço na liberdade fica mais explicitado no v. 14 que inicia também com a conjunção “pois”. Interessante é que Paulo cita aqui a lei não como “jugo da escravidão”, mas sim, refere-se a sua essência que é o amor ao próximo.

No v. 15 Paulo volta a ser duro, severo como no v. 12. Se os gálatas se mordem e devoram mutuamente, vem como conseqüência a desagregação da vivência fraterna na comunidade. Parece que ele está se referindo às brigas fortes, discussões violentas, talvez aos conflitos provocados pela exigência daqueles que querem forçar a circuncisão dos cristãos convertidos do paganismo.

Com o v. 16 inicia um novo parágrafo colocando o lado positivo da vivência: Se os gálatas andam no Espírito, jamais podem realizar os desejos da carne. Neste versículo aparece pela primeira vez nesta perícopes a palavra “Espírito”, o oposto da “carne” do v. 13. Isso Paulo acentua claramente no versículo seguinte que, começando com a conjunção “pois”, explica que os desejos da carne são contra o Espírito e o Espírito contra a carne. A segunda parte do v. 17 assume este pensamento do v. 16b. Sabendo que a carne e o Espírito se opõem, o cristão não pode sempre fazer o que deseja. Precisa fazer um discernimento.

No v. 18 Paulo opõe o Espírito à lei com as suas prescrições minúsculas que escravizam a pessoa humana. A conjunção “mas” liga o v. 18 com o de 17 e 19.

Nos v. 19-21a vem uma lista longa das “obras da carne”. O v. 21b termina com a conclusão: Todos aqueles que praticam tais coisas “*não herdarão o Reino de Deus*”. É a única vez na carta aos gálatas que Paulo usa o termo “Reino de Deus”.

Os v. 22 e 23a falam “do fruto do Espírito”. Esta lista é oposta àquela das “obras da carne”. Ambas as listas, nos v. 19-21a e 22-23a concretizam o que Paulo entende nesta situação dos gálatas por “carne” e “desejos da carne” e “andar no Espírito” e “ser chamado para a liberdade” dos v. 13 e 16.

O v. 23b liga-se com o v. 18 e recebe dele o seu sentido. Parece que Paulo quer acentuar que, quem vive “segundo o Espírito”, não precisa de leis, é livre delas, pois o amor só pode fazer o que o Espírito de Deus, o Espírito de Jesus inspira.

O v. 24 volta de novo à temática da carne, alertando que todos aqueles que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as paixões e os desejos. Nesta perícopes fala-se pela primeira vez de Cristo Jesus.

Assim, a perícopes termina com uma constatação e um apelo: “*Se vivemos no Espírito, no Espírito andemos*”, v. 25, fazendo ligação com o v. 16: “*No Espírito andais*”, e com o v. 13, que pede que os gálatas vivam a verdadeira liberdade. O v. 26, chamando atenção por causa de atitudes negativas dos gálatas, liga-se com o v. 15.

3. 2. *Estrutura da perícope*

v. 13: Liberdade x carne: servir por amor

v. 14: O amor é a plenitude da lei

A v. 15: O contrário do amor: morder, devorar, eliminar

B v. 16: Andai no Espírito

C v. 17: Espírito x carne

D v. 18: Espírito x lei

E v. 19-21a: Obras da carne

F v. 21b: Reino de Deus

E' v. 22-23a: Fruto do Espírito

D' v. 23b: Contra tais coisas (fruto do Espírito) não há lei

C' v. 24: Os de Cristo crucificaram a carne

B' v. 25: Andemos no Espírito

A' v. 26: O contrário do amor: cobiçosos de vanglória, invejar uns aos outros

Este gráfico nos ajuda a observar as correspondências entre as subunidades. Os v. 13-14 tematizam como abertura da perícope a luta entre a verdadeira liberdade no espírito expressa na servidão do amor e a servidão da carne que escraviza todos os aspectos da vida humana. Os v. 15 e 26 expressam o contrário do amor e os v. 16 e 25 fazem o apelo de andar no Espírito, pois a vida nele exclui a realização dos desejos da carne. Os v. 18 e 23b colocam categoricamente que a função da lei como pedagogo (3,24) terminou, pois os cristãos são agora guiados pelo Espírito de Deus. Os v. 18 e 23b colocam categoricamente que a função da lei como pedagogo (3,24) terminou, pois os cristãos são agora guiados pelo Espírito de Deus. Os v. 19-21a e 22-23a opõem as obras da carne ao fruto do Espírito. Assim fica no centro da composição a advertência, que aqueles que praticam as obras da carne possam perder o Reino de Deus.

3.3. *Análise semântica*

É bom olhar o sentido de algumas palavras-chave do texto, pois pode nos ajudar a entender melhor o que Paulo quer transmitir aos gálatas. Com as palavras de Wegner¹: “A análise semântica tem por objetivo o estudo do sentido de um texto, a saber, de suas palavras, expressões e frases. Essa análise dá prioridade ao entendimento do conteúdo que está escrito”. Os gálatas são chamados à liberdade, mas Paulo faz logo uma advertência: “*Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne,...*” Já

1. WEGNER, Uwe. *Exegese do NT – Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Ed. Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

que a palavra *carne* é uma das palavras-chave na carta, fazendo oposição à palavra espírito, vamos refletir sobre alguns sentidos usados no Segundo Testamento.

Paulo opõe a vida na *carne* e a vida no *Espírito*. O termo carne que foi traduzido como “*instintos egoístas*” é encontrado 15 vezes nas cartas paulinas e 4 vezes no texto em questão: Nele se fala uma vez da “*obra da carne*” e outra vez dos “*desejos da carne*”. Seguem alguns exemplos:

Carne designa em seu primeiro e fundamental sentido o que é fraco, precível na condição humana, suas limitações físicas, a natureza humana como ser mortal: No mesmo sentido Paulo usa a palavra carne: “*Emprego uma linguagem humana, em consideração de vossa fragilidade (carne)*” (Rm 6,19). “*Sois tão insensatos que, tendo começado com o Espírito, agora acabeis na carne*”? (Gl 3,3).

Carne expressa também a matéria corporal, seja do animal ou da pessoa humana, indicando a humanidade em solidariedade com a criação. No sentido de uma parte do corpo encontramos, em Gálatas 4,13a, a expressão: “*Bem o sabeis, foi por causa de uma doença – literalmente enfermidade da carne, isto é, enfermidade corporal – que eu os evangelizei pela primeira vez*”.

A palavra carne vem caracterizar a sede das paixões, instrumento do pecado, da fraqueza moral: “*Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne*” (Rm 7,18). Para Paulo fica bem claro que os baixos instintos levam a morte e a pessoa é muitas vezes atraída por eles, mesmo que queira servir a lei de Deus (cf. Rm 7,21-25).

A carne como expressão do mal às vezes é aplicada como uma pessoa (Rm 8,12) que pensa (Cl 2,18), deseja (Gl 5,17.24), busca a perdição (Rm 8,6; Gl 5,17) e é hostil a Deus (Rm 8,7) e ao Espírito Santo (Rm 5,17).

Voltamos a advertência de Paulo aos gálatas: “*Ora, eu vos digo, conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrário à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis*” (5,16.17). Depois ele cita uma lista de vícios como manifestação *das obras da carne* e uma lista de virtudes como fruto do Espírito. Paulo enumera 15 vícios que podem ser agrupados em quatro subgrupos:

- “*fornicação, impureza, libertinagem,*
- *idolatria e feitiçaria,*
- *ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas,*
- *bebedeiras, orgias e coisas semelhantes*”.

Os três primeiros vícios referem-se ao comportamento sexual, atos indecentes, ilícitos que chocavam o público. Idolatria e feitiçaria falam das manifestações religiosas. Paulo tomou talvez esta lista conhecida do mundo judaico, pois os judeus como os cristãos condenaram a adoração de deuses. O termo traduzido por feitiçaria vem do grego *pharmakeia*. O uso de remédios, de drogas para magias não entendidas pelo povo, talvez levou a associação desses dois termos. Interessante é que eles somente aparecem aqui em Gálatas e no Ap 9,21 e 18,23.

A lista que fala das relações sociais nas comunidades é bastante longa e Paulo termina citando dois vícios tipicamente pagãos: bebedeiras e orgias. Também esses dois vícios são mencionados somente mais três vezes no Segundo Testamento, em Lc 21,34; Rm 13,13 e 1Pd 4,3. Que esta lista não é exaustiva mostra o final do elenco: “*e coisas semelhantes*”. Não se sabe se Paulo escolheu as duas listas dos vícios em vista das comunidades da Galácia ou não. Talvez queria transmitir duas preocupações:

- * advertir os recém-convertidos à fé lembrando que eles fizeram uma opção radical por Jesus Cristo, que exclui a vida anterior à conversão, a vida na carne;
- * lembrá-los das normas ético-morais conhecidas e já outra vez lembradas (cf. 5,21b) para animá-los a esta vida nova, anseio mais profundo do ser humano.

Paulo não deixa dúvidas em suas colocações que a vida no espírito exige constante luta, “*pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito... Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis*” (Gl 5,17). O verbo *opor* em sua forma do presente indicativo médio no grego indica a oposição contínua. Entretanto, a expectativa de um dia entrar no Reino de Deus (5,21c) devia ajudar os gálatas a ter perseverança na busca do bem, isto é, na vida do amor no Espírito de Deus: “*Conduzi-vos pelo Espírito...*” (5,16). Literalmente se diz “*andai no Espírito...*” No grego a palavra está no presente do imperativo que indica uma ação habitual, e Paulo continua: “*...e não satisfareis os desejos da carne*”, literalmente, jamais, nunca mais ou de modo nenhum seja realizado o que a carne deseja.

O oposto da vida conforme os instintos egoístas é a vida no *Espírito*. Nas cartas atribuídas a Paulo o Espírito Santo é um dom de Deus. Paulo o menciona 146 vezes. É aplicado ao espírito do homem como para a força divina, santificadora de Deus Pai, do Filho ou de Jesus Cristo.

No batismo pela ação do Espírito nasce no cristão a vida nova, a vida divina em Cristo ou no Espírito, nasce a unidade com Jesus Cristo e a unidade dos fiéis entre si: “*Pois fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres e todos bebemos de um só Espírito*” (1Cor 12,13).

Para exemplificar o que significa para o cristão deixar se guiar pelo espírito (Gl 5,18), Paulo mostra sinais concretos desta nova vivência. Ele fala do “*fruto do Espírito*”. Fruto não se faz, é dado por Deus criador. Ele coloca uma “*lista de virtudes*” como o oposto dos instintos egoístas, das “*obras da carne*”. Listas ou catálogos semelhantes como reflexão ética encontram-se somente em Fílon e Qumran. A vivência das virtudes foi muito apreciada nos círculos de filósofos do Império Romano, pois o fim da filosofia popular era a boa conduta que devia ser cultivada e eles ensinaram desse modo à população. Por isso, podemos dizer que Paulo não criou estas listas, mas sim, bebia da sabedoria existente. Ele aproveitou tudo o que era bom e aconselhou também aos tessalonicenses: “*Discerni tudo e ficai com o que é bom*” (5,21), dando, com isso, liberdade à comunidade. A lista na carta às comunidades gálatas tinha a finalidade de ajudar os recém-convertidos a viver a fé nas coisas concretas do dia-a-dia.

Chama a atenção que a expressão “*fruto do Espírito*” esteja no singular, mesmo que seja enumerada uma lista de nove virtudes. Provavelmente foi colocada a forma

no singular em contraste com o plural das “obras da carne” para indicar a unidade dos dons realizados pelo impulso do Espírito.

Como primeira consequência da vida cristã é colocado o *amor-ágape*, o dom por excelência, que ilumina todos os outros. É a base da convivência da comunidade, a característica essencial da liberdade cristã. Por isso é a plenitude da lei desdobrada no amor a Deus e ao próximo (cf. 5,13.14). Depois são mencionadas *alegria e paz*. Estas duas atitudes encontram-se várias vezes juntas. Da alegria fala-se 56 vezes no Segundo Testamento, destas 22 vezes nas cartas paulinas. Isso mostra a importância que Paulo dá à alegria na vida cristã. Ela tem menos um caráter psicológico do que a da convicção de que a vida está nas mãos de Deus. A palavra paz aparece em quase todos os livros do Segundo Testamento com diversas conotações:

- A palavra grega tem o sentido do termo hebraico *shalôm* mais do que o sentido do grego clássico (cf. Lc 1,79; 2,14 e 19,42). Ela indica harmonia, tranqüilidade na convivência comunitária (cf. Rm 14,17; 1Cor 7,15; At 7,15).
- Paz designa a boa ordem e harmonia com a natureza, consigo mesmo e com Deus, “*pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz*” (1Cor 14,33).
- A paz é o fruto da inspiração do Espírito: “*...o desejo do espírito é a vida e a paz,...*” (Rm 8,6). “*O Reino de Deus... é justiça, paz e alegria no Espírito Santo*” (Rm 14,17).
- “*...estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso pela fé a esta graça,...*” (Rm 5,1.2).

O desejo da paz é a saudação usual no Segundo Testamento. As pessoas desejam-se uns aos outros bem-estar, felicidade, saúde, boa convivência, até riqueza. É bênção plena. No envio dos discípulos em missão Jesus lhes diz: “*Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’ e se lá houver um filho de paz, a vossa paz repousará sobre ele; se não, voltará a vós*” (Lc 10,5.6). No início das suas cartas Paulo assume esse costume e deseja às comunidades, por exemplo, aos gálatas: “*Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo*” (1,3), aos romanos: “*...A vós todos, que estais em Roma, amados de Deus e chamados à santidade, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo*” (1,7). Mesmo na saudação final das cartas deseja a paz: “*E a todos os que pautam sua conduta por essa norma, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus*” (Gl 6,16).

As próximas três atitudes são praticamente sinônimas: *longanimidade, benignidade e bondade*. A longanimidade de Deus e de Jesus Cristo para com o seu povo (cf. Rm 2,4 e 9,22) é o motivo de que os cristãos se revestem dos mesmos sentimentos. O primeiro termo é 14 vezes mencionado no Segundo Testamento e benignidade 10 vezes e isso somente nas cartas paulinas e naquelas a ele atribuídas. Como exemplo será citado Rm 2,4: “*Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão?*” A palavra bondade encontra-se por exemplo em Rm 15,14: “*Pessoalmente estou convicto, irmãos, de que estais cheios de bondade...*” (cf. Gl 5,22; Ef 5,9 e 2Ts 1,11).

As últimas três virtudes indicadas são: *fidelidade, mansidão, autodomínio*. Fidelidade, *fé-pistis* encontra-se em todos os escritos do Segundo Testamento, exceto no Evangelho de João e nas segunda e terceira cartas de João. No evangelho de João encontra-se no lugar do substantivo fidelidade, *fé* do verbo crer, que expressa mais a dinâmica da fé. Paulo, na carta aos gálatas, usa a palavra *pistis* 13 vezes, somente em Gl 5,22 é traduzido como fidelidade (cf. Gl 1,23; 3,2.7.8.9.11.14.23.24.25; 5,5.6; 6,10). Esta fidelidade vem do amor mútuo que se mostra como mansidão.

A lista fecha com a indicação de autodomínio, que somente em At 24,25; 2Pd 1,6.6 e em nosso texto 5,23 é citado. É uma virtude ensinada pelos mestres pagãos como os estóicos e outros movimentos ético-ascéticos. Todavia, para Paulo é fruto do Espírito como todas as outras virtudes. Quem vive segundo as aspirações do Espírito, não precisa leis que determinam a conduta externa. A pessoa é “livre”, pois sabe amar (cf. 5,14.18.23b).

O v. 25 expressa o desejo de Paulo para a comunidade “*Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautamos também nossa conduta*”.

Uma outra oposição que Paulo coloca é entre *Lei e Liberdade*. Paulo fez na carta às comunidades da Galácia uma primeira reflexão mais sistemática sobre a Lei – *nomos*. Provocado pelos judaizantes que perturbaram os gálatas, com a exigência de assumir a circuncisão, os costumes e tradições do povo judeu para serem cristãos verdadeiros, Paulo reage imediatamente. O evangelho pregado por ele sem as exigências da lei, a sua autoridade como apóstolo, evangelizador e missionário estavam em jogo. Para ele ficou claro: Jesus Cristo nos libertou de qualquer lei que nos escraviza: “*É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permaneci firmes, portanto, e não vos deixeis render de novo ao jugo da escravidão*” (Gl 5,1). No capítulo 2,16 ele explica a sua tese: “*Sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém será justificado*”. Paulo opõe aqui Lei e fé: “*Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela adesão à fé? Sois tão insensatos que, tendo começado com o Espírito agora acabais na carne, foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se é que foi em vão!*” (3,1-4). Já que a observância da Lei não pode trazer a salvação, ela perde o seu poder. Ela tinha uma função preparatória de tutor, pedagogo e curador até a chegada de Jesus. Pela fé nele todos os batizados se tornam filhos e filhas de Deus e entre si irmãos e irmãs. Todas as diferenças de crenças, raças, *status* social, econômico, político e cultural se anulam. “*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus*” (3,28). Paulo mostra aos gálatas a estupidez de seu comportamento: “*Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado*”? (3,1). Aceitar a circuncisão, o sábado e as leis alimentares ia de novo criar distinção social em relação de outras raças do mundo greco-romano.

Paulo critica qualquer lei que é considerada capaz de justificar e salvar aqueles que a observam, critica a absolutização da lei. Entretanto, o que fica é a lei do amor, a

lei régia: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (5,14). Nisso toda a lei é plenamente realizada. O amor-ágape expressa-se claramente no serviço mútuo que é um imperativo. Literalmente o texto diz: “*Por causa do amor ágape – sede escravos uns aos outros*” (5,13b). O termo tem um forte acento sociológico na vivência cristã. “*Servir mutuamente como escravos*” é expressão, aparentemente paradoxal, da liberdade em Deus e não da escravidão. É um assemelhar-se a Jesus Cristo que se fez escravo por amor a nós. A vivência no amor é um reverter das relações de poder. Infelizmente, Paulo precisa constatar um comportamento dos gálatas oposto ao amor: “*Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros*” (Gl 5,15). Esta constatação descreve a atitude de agressividade numa linguagem de luta entre os animais ferozes com muita força de expressão. Mesmo que não saibamos a situação concreta em que viviam os gálatas, podemos ver nestes dois termos, morder e devorar, a situação sócio-político-econômica do povo desta região, uma situação de exploração e opressão do sistema escravagista do império. De outro lado, os verbos podem indicar a situação de briga e desentendimento entre os membros da comunidade ou das comunidades entre si, talvez provocada pelos judaizantes com suas exigências da lei.

Com muita coragem Paulo anuncia o evangelho de *liberdade* que eles opõem à vida conforme a lei. Ele, que em sua pessoa experimentou ser libertado pelo Senhor ao ser chamado “no caminho a Damasco”, fala com toda a convicção aos gálatas: “*É para a liberdade que Cristo vos libertou*” e “*Vós fostes chamados à liberdade, irmãos*” (5,1.13). Estas duas afirmações precisamos ouvir diante da situação sociopolítica e social do Império Romano. Lembramos algumas realidades: A sociedade greco-romana era dividida em classes sociais. Todavia, a posição social não era determinada exclusivamente pela riqueza. Ser cidadão, cidadã livre era muito mais importante do que ser rico ou pobre. Quem tinha o título de cidadão romano estava superior em tudo e podia plenamente participar das deliberações das assembleias de uma *polis*. Os outros grupos eram excluídos. Diante deste quadro ecoou a mensagem de Jesus Cristo como um grito de libertação de tudo o que oprimia:

- o sistema de classes sociais;
- a situação de submissão total aos varões de uma casa por parte dos escravos, das escravas, de todos os membros da família, inclusive da própria esposa;
- o sistema religioso com a dependência de tantos deuses com suas ideologias;
- a escravização por crenças nos elementos cósmicos;
- a lei mosaica e o que os homens fizeram dela ao longo da história.

Homem e mulher recuperaram a mesma dignidade e responsabilidade por ser de Jesus Cristo. Com isso, o conceito de liberdade começou a ser estabelecido entre os cristãos. Devia ser um voltar ao plano original da criação (Gn 1,27; Gl 6,15). Na concepção de Paulo esta nova consciência e vivência significavam uma transformação social. As pequenas comunidades espalhadas pelo império minavam a sociedade greco-romana. Não houve levantes e revoltas abertas que tivessem atingido o maior nú-

mero possível de pessoas. Isso teria sido um suicídio diante da esmagadora força do império. Mesmo assim, aos poucos, foram abaladas visivelmente as estruturas da “grande casa” como as estruturas das casas *pater familias* por causa do modelo alternativo que viviam os cristãos. A fé em Jesus inverteu os padrões sociais estabelecidas. Não foi fácil para as comunidades viverem esta nova situação, viverem com maturidade a cidadania. Elas foram julgadas como um perigo para a sociedade e conseqüentemente houve perseguição aos cristãos. A liberdade era a característica deste mundo novo, orientada e conduzida pelo Espírito. E o sinal deste novo era o serviço no amor-solidariedade, a “ágape” para com todos (5,13).

Essa liberdade é dádiva de Deus e compromisso ao mesmo tempo. Ela é fundamentada pela vida de Jesus, sua morte e ressurreição. Pelo batismo os gálatas entraram neste movimento de liberdade. Paulo mostra na carta algumas das implicações da fé em Jesus Cristo sobre as quais já refletimos. É necessário:

- romper a dominação de uma classe sobre a outra;
- romper com as diferenças sociais;
- valorizar igualmente ambos os sexos;
- tornar as pessoas capazes de amar, na solidariedade se colocar a serviço uns aos outros.

Ele fica insistindo para que os convertidos à fé não convertam a liberdade em libertinagem, mas sim se realize na ágape. Os cristãos devem, definitivamente, afastar-se de práticas pagãs como as mencionadas na lista dos vícios, e assumir decididamente as atitudes e práticas como o elenco das virtudes, fruto do Espírito, indica. O apelo à liberdade com sua vivência concreta no dia-a-dia – a vida nos dons do Espírito – é um desafio constante diante das antigas práticas da lei e das forças opressoras que querem esvaziar a força libertadora da cruz. Paulo sabe disso, e por isso sacode os gálatas quando ouviu do perigo que corriam, da mudança que estava para acontecer. Surpreso com as notícias e indignado ele reage logo, pois percebeu as conseqüências dessa mudança de atitude dos gálatas. Eles estão a ponto de abandonar o evangelho por ele anunciado, abandonar o próprio Deus, Jesus Cristo, e a vida guiada pelo Espírito. Eles querem submeter-se de novo à escravidão da “carne”, viver no fechamento egoísta. “*Admiro-me de que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro evangelho*” (1,6). Para Paulo é inacreditável e incompreensível que os gálatas abandonem a liberdade para curvar-se novamente ao jugo da escravidão.

Para ele a lei não educa ninguém. A liberdade do evangelho perante as forças destruidoras deve brotar de dentro de cada batizado e das comunidades. Os gálatas precisavam responder ao desafio provocado pelo conflito existente entre o evangelho e a lei mosaica – uma forma de vida conivente com o sistema romano. Foram chamados a um discernimento entre a prática dos judaizantes que exigiam a observância da lei com a necessidade da circuncisão e a vida na liberdade no Espírito.

Paulo com o jeito rabínico prova através da alegoria dos filhos de Abraão da escrava Agar e da sua esposa Sara, que os que adquiriram a fé em Jesus Cristo, “*não são*

filhos de serva, mas de livre” (4,31). E logo depois ele afirma: “*É para a liberdade que Cristo nos libertou*” (5,1). O capítulo 5 mostra que a liberdade existe em servir uns aos outros na ágape, no amor-solidariedade, impulsionado pelo Espírito e seus dons. Para que os gálatas compreendam mesmo que a liberdade brota numa vida conforme o Espírito de Deus que é o Espírito de Jesus, ele coloca diante deles o binômio “carne e espírito”. “As obras da carne” destroem o relacionamento da pessoa consigo mesmo, com os outros e com Deus, enquanto os dons do Espírito constroem os relacionamentos nos três níveis.

No capítulo 6 Paulo encerra sua reflexão sobre a liberdade mostrando que:

- a vida na liberdade promove a vida do irmão e da irmã, carrega-se o peso uns dos outros e assim cumpre-se a Lei de Cristo (v. 1-5).
- “Quem semeia no Espírito, do espírito colherá a vida eterna” (v. 6-10).
- A força dessa liberdade-serviço vem da cruz para formar novas criaturas (v. 11-15).

“E a todos os que pautam sua conduta por esta norma, paz e misericórdia sobre eles” (v. 16).

Para a reflexão sobre a atualidade da mensagem da Carta aos Gálatas escolhi a temática da liberdade, e desta somente o aspecto de serviço no exercício do compromisso social. É o acento mais forte que Paulo mesmo coloca. Para ele a liberdade é dada para, por causa do amor, servirmos uns aos outros, como escravos e escravas.

4. Atualidade da Mensagem

Foi feita uma entrevista com jovens e adultos para saber como eles entendem a palavra *liberdade*. A partir da colocação de uma pessoa entrevistada formada em Serviço Social, será iniciada a reflexão sobre alguns aspectos da liberdade:

“Liberdade é mais do que “o direito de ir e vir”. Relaciona-se às escolhas e decisões de uma determinada sociedade: o cidadão não é só aquele que exerce o voto, mas aquele que está excluído do direito de votar e da sociedade em geral, pois não tem um nome nem registro reconhecido socialmente; como aqueles que não têm recursos necessários para se registrarem no cartório. É a valorização do indivíduo como um todo, inclusive em suas diferenças (modo de pensar, de ser), mais do que o direito é o poder de escolher o modo de vida que viverá, sem tantos obstáculos que derivam de uma concentração de renda dada pelo poder de uma minoria que submete a maioria às suas ideologias, a seu processo escravizante. Ela é social: atenta-se, inclusive, para as vozes populares, pois o todo não vive sem as partes nem as partes sem o todo; mas estas não podem ser superiores ao todo”.

Como a última reflexão mostra, o nosso Brasil não é um país livre. Depende política e economicamente de outros países, dos bancos que mandam. As multinacionais constituem um poder que exclui os cidadãos e as cidadãs da participação efetiva. A globalização neoliberal somente trouxe mais pobreza para a maioria da população. É

um empobrecimento injusto e institucionalizado. Para ter uma vida digna a pessoa precisa ter trabalho bem pago para o sustento da família, ter casa para morar, poder educar os filhos, cuidar de saúde e ter possibilidades para o lazer. É a base para que a pessoa possa ter liberdade e autonomia e como cidadão e cidadã participar das decisões políticas, sociais, culturais e religiosas da sociedade. Talvez a maioria da população não sinta quanto sua vida é determinada por tantos fatores interiores e exteriores, e se submeta as exigências dos padrões dos costumes, tradições que se transmitem de geração a geração e não se deixam questionar por novos desafios dos tempos atuais, pois *“foi sempre assim”*. Com esta atitude agüentam também as condições inumanas de trabalho, seja no campo ou na cidade. Praticamente são obrigados a submeter-se às exigências dos patrões ou das patroas se quiserem ficar no trabalho ganhando um salário ridículo que mal sustenta a família.

Do outro lado há pessoas e grupos bem conscientes de seu potencial de liberdade e lutam para que os direitos humanos sejam respeitados: o direito de escolher livremente a sua religião, viver os seus princípios morais e éticos enquanto eles não prejudicam outras pessoas. Estes grupos ecumênicos assumem o compromisso social no engajamento pela promoção da vida e pelo reconhecimento dos excluídos.

A verdadeira liberdade exterior e interior é fundamental e decisiva para a dignidade do ser humano e a base para poder assumir seu compromisso social. Ela é a capacidade de decidir-se, de agir por escolha pessoal consciente e livre. Viver esta liberdade é o anseio de cada pessoa. Todavia é possível que exteriormente nada obrigue a pessoa, mas não será livre, se não for livre dos próprios impulsos e opressões internos. Somente quem conquistou a liberdade interior está capaz de lutar adequadamente pelas liberdades que são necessárias para exercer a cidadania e assumir a responsabilidade pelo bem comum.

A liberdade é dom de Deus e conquista sempre de novo do ser humano ao mesmo tempo. A liberdade se constrói ao longo da vida e anda junto com o amadurecimento da pessoa, pois somos condicionados já antes de ser concebidos. Muitas decisões, atitudes, reações, parecem surgir de uma escolha pessoal e não são. São vários condicionamentos internos, pessoais, que interferem na liberdade. Quem se livra de impulsos inconscientes, de proibições internas? As reações afetivas limitam bastante a liberdade pessoal, as paixões, os vícios, os apegos às coisas, pessoas e idéias de onde surgem o fanatismo e as fixações. Tantas vezes os preconceitos distorcem a realidade ou nem a deixam perceber, ou a pessoa reage com intolerância diante do diferente, do outro jeito de viver, atuar e se expressar, pois não é mais capaz de aceitar a grande diversidade religiosa, opções políticas e códigos morais diferentes. Num jornal da minha diocese natal encontrei uma citação de Albert Einstein, grande físico: *“É mais difícil destroçar uma opinião preconcebida do que um átomo”*.

Realmente, não é fácil diante de tantas forças que determinam a vida, conquistar e preservar a própria liberdade exterior e interior. Talvez outras leis, poderes e obrigações ameçam hoje a liberdade das pessoas e sua dignidade, o que Paulo chamava *“desejos da carne”* como ódio, mentira, excessos em qualquer forma (cf. Gl 5,19-21). A

liberdade para que Jesus Cristo nos libertou é promessa e exigência ao mesmo tempo. Ela é uma opção radical. Paulo fala de um chamado, e se é chamado, é vocação. “*É para a liberdade que Cristo nos libertou*”. “*Vós fostes chamados à liberdade, irmãos*” (Gl 5,1.13). Apesar de traçar um grande ideal de liberdade, Paulo é bastante realista para ver que esta liberdade está constantemente ameaçada pelas forças opostas, como o elenco dos vícios que ele cita. Do outro lado ele confia na força do Espírito de Jesus, que ajuda a vencer as más inclinações do ser humano transformando-as na vivência do seu dom com suas múltiplas concretizações. Paulo vê a essência destas novas relações entre as pessoas no serviço mútuo, no engajamento para um mundo melhor, mais solidário, mais justo. São coisas pequenas, diárias, cansativas, assumidas com liberdade, que mudam o mundo. Às vezes precisa até arriscar a vida no serviço ao próximo. Isto se vê no exemplo do próprio Jesus, que experimentou a proximidade de Deus, a grande intimidade com Ele que chamava *abbá*, papai. Esta experiência foi profundamente libertadora em sua vida. Porque Ele se sentia livre e, por isso, podia entregar a sua vida para que outros “*tenham vida e vida em abundância*” (Jo 10,10). Ele não tinha medo. Com toda soberania e autonomia, enfrentou os poderes políticos e religiosos com suas conspirações contra sua pessoa. As curas que Ele realizou tinham a finalidade de devolver às pessoas a sua dignidade, integrar de novo na vida familiar, comunitária e ser reconhecida na sociedade como cidadão e cidadã e nela se engajarem: “*Aquele que fora endemoninhado rogou-lhe que o deixasse ficar com ele. Ele não deixou, e disse-lhe: ‘Vai para tua casa e para os teus e anuncia-lhes tudo o que fez por ti o Senhor na sua misericórdia’*” (Mc 5,18.19).

Nossa sociedade atual tem outras metas, como algumas respostas dos jovens que participaram da entrevista mencionada mostraram: “Liberdade significa para mim mais dinheiro para o *shopping* e também para o *show*” (16 anos). “Liberdade significa para mim ter o *meu* emprego, *minha* casa, *meu* carro, tudo com *meu* dinheiro. É fazer o que *eu* quiser sem depender de ninguém” (16 anos). Coloquei os pronomes pessoais em grifo para mostrar a tendência individualista que reina hoje o mundo. Por isso se faz necessário mais que nunca que grupos se unam para viver um modelo alternativo. O título deste trabalho quer indicar que a cidadania e liberdade se realizam no serviço uns aos outros o que Paulo coloca como essência de toda a lei. Este serviço é impulsionado pelo Espírito de Jesus. Na medida em que as comunidades fundadas por Paulo assumiram esta vida nova na ágape, amor solidário, no serviço de iguais, minaram o sistema opressor do império. Elas foram animadas pela equipe paulina de continuar no empenho de sua cidadania, todavia no espírito de Jesus, do evangelho que foi a elas anunciado. Paulo escreve aos filipenses: *Levai vida de cidadão*, isto é, vivei segundo as leis de uma cidade. A Bíblia de Jerusalém não deixa bem transparecer este significado ao traduzir: “*Somente vivei vida digna do evangelho de Cristo ...*” (Fl 1,27). E aos romanos escreve: “*E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, que é bom, agradável e perfeito*” (12,2).

Assumindo hoje o impulso de Paulo para o serviço como sinal de liberdade é preciso saber discernir os sinais do nosso tempo e unir as forças no compromisso social

que temos em vista diante de estruturas tão injustas da sociedade atual. Já temos excelentes exemplos deste engajamento em favor da vida digna das pessoas. Há inúmeros movimentos, associações e grupos lutando para derrubar as forças de dominação e exploração e iniciar caminhos para novas estruturas sociais. Muitas vezes suas ações não são reconhecidas como importantes para a sociedade. Existem iniciativas diversas de acolher e acompanhar os meninos e meninas de rua e lhes devolver o sentido da vida, sentirem-se amados e valorizados, talvez pela primeira vez na vida. Nesta mesma intuição estes grupos trabalham com crianças e jovens sexualmente explorados. Outras entidades, sejam religiosas ou civis, fazem um trabalho preventivo com adolescentes em situações de risco, cuidam que freqüentem a escola e na outra parte do dia são acompanhados nos deveres de casa. Depois, em grupos de reflexão, recreação e artesanato vivenciam novas relações de amizade, de valorização, de respeito ao próprio corpo e ao dos outros. É um servir por amor à causa do Reino que é vida para todos e todas, para que as crianças e jovens possam mais tarde assumir a sua vida de cidadão e cidadã consciente.

Quero também citar exemplos de grupos que atuam no nível mundial, assumindo seu compromisso social, e que não são muito conhecidos pela população:

A Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes (FCD) reúne pessoas com deficiência. Através da vivência e reflexões que visam uma formação integral, estas pessoas começam a se sentir acolhidas, valorizadas, tiradas do isolamento em que viviam, até dentro da própria família. Em 2005, num cartaz relacionado com o Dia dos Deficientes, exposto nos transportes coletivos, vi a frase: “Ter direito não basta, é o exercício do direito que assegura a cidadania”. Esta frase foi o lema do trabalho de conscientização com as pessoas com deficiência. Elas mesmas devem tornar-se protagonistas do seu desenvolvimento integral e assumir a sua parte de responsabilidade social conforme as suas possibilidades.

A Fraternidade foi fundada em 1932 por Padre Henrique François na França junto com um pequeno grupo de doentes reunidos para trocar as experiências na situação dolorosa em que se encontraram, dando-se apóio mútuo na esperança de superar as suas doenças. Em 1972, através de Vicente Magip, a FCD chegou para o Brasil. Aqui na região metropolitana de Recife iniciou-se o movimento no bairro de Pina. Hoje existem 13 núcleos. Eu conheço mais de perto a grupo em Ibura que tem atualmente um colaborador e nove colaboradoras. O coração deste grupo é Margarida que, incansavelmente, se engaja para que as pessoas com deficiência consigam tomar o seu destino nas próprias mãos.

Uma outra entidade da qual gostaria de falar é a *Diaconia*². Ela tem sua sede em Recife. O bispo Paulo Ayres Mattos, presidente do Conselho Diretor da Diaconia de 1995 até 2000, apresenta a entidade no caderno 2 da série: “Ler para Servir”: “A Diaconia, em mais de trinta anos de existência, vem buscando servir, em nome do Evange-

2. Vale a pena conhecer mais de perto a Diaconia, seja visitando-a ou ler os cadernos da série “Ler para Servir” – O artigo de dom Sebastião Armando Gameleira soares, no caderno 2 desta série, esclarece este termo “Diaconia”.

lho de Jesus Cristo e de mais de dezenas de igrejas cristãs, os setores explorados da sociedade brasileira. Diante da incessante e crescente pobreza e miséria do povo brasileiro, desde os anos 80 tem tido o Nordeste do país como cenário preferencial de sua atuação. Nos últimos cinco anos vem passando por um dos mais radicais, profundos e bonitos processos de redefinição institucional que uma agência brasileira não-governamental tem desenvolvido. Sua redefinição missionária teve como alva uma ação diaconal mais evangélica e profética diante do brutal processo de exclusão social em curso no país. Um dos frutos do processo foi a criação do Programa de Ação de Apoio à Ação Diaconal das Igrejas (PAADI), que tem como objetivo ‘contribuir para a ação transformadora das igrejas, do modo que se potencialize o trabalho na busca de pleno exercício de cidadania dos setores excluídos’”.

Outra iniciativa de um grupo consciente de sua responsabilidade social é o *Fórum Social Mundial* (FSM)³. Começou como uma pequena semente de mostarda, e em 2005, no quinto FSM, conseguiu reunir mais de 155 mil pessoas de 135 países diferentes. Participaram movimentos sociais, órgãos não-governamentais (ONGs) e outras entidades civis em número de 6.588 que se opõem ao neoliberalismo e de dominação do mundo pelos interesses capitalistas e imperialistas. O Fórum é uma base de debate democrático de idéias, intercâmbio, troca de experiências e formulação de alternativas e propostas para construir uma sociedade mundial que tem por prioridade o bem-estar da gente, propõe alternativas para construir uma globalização solidária que respeita os direitos humanos universais como também os de todos os cidadãos e cidadãs de todas as nações, do meio ambiente, baseado em sistemas e instruções internacionais democráticas a serviço da justiça social, de igualdade e de soberania dos povos. Esses FSM são um movimento mundial que busca uma transformação social mundial.

Mais um exemplo: Um grupo de alguns ativistas em Vancouver, Canadá, sonhando com um mundo verde e cheio de paz fundou em 1971 a iniciativa *Greenpeace*. Greenpeace existe por causa da fragilidade do mundo. É necessário ter soluções, mudanças e ações em relação a ecologia, proteção ambiental: terra e as águas para a sobrevivência de espécies de plantas e animais. Greenpeace International atua no mundo inteiro e já pode enumerar bastantes vitórias na sua luta contra a exploração e destruição do planeta Terra.

Estes fatos nos mostram que o espírito de serviço não morreu em nossos dias, mesmo que a mídia nos quer sugerir o contrário. Interessante é que todos os movimentos que atingiram uma dimensão mundial surgiram de iniciativas de pequenos grupos da base. Todavia sabemos que qualquer participação na grande luta social é um risco, até risco de morte. O assassinato da Irmã Dorothy Stang chocou a nação e tinha repercussão até no exterior. Uma nota do CPT diz:

3. Informação tirada da Internet como o exemplo de *Greenpeace*.

“Mataram Irmã Dorothy”

“A Coordenação Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), reunida em Goiânia, recebeu com dor e indignação a notícia do assassinato de Ir. Dorothy Stang, de 73 anos, ocorrido hoje (10/03/05), às 9 horas, em uma emboscada no município de Anapu, PA, com três tiros.

Ir. Dorothy, de nacionalidade norte-americana, naturalizada brasileira, da Congregação das Religiosas de Notre Dame, participa da CPT desde a época da fundação e tem acompanhado com firmeza e paixão a vida e a luta dos trabalhadores do campo, sobretudo na região da Transamazônia, no Pará [...].

O inqualificável assassinato de Ir. Dorothy Stang traz para nós a memória de um passado que julgávamos encerrado. É a primeira morte de um agente da Comissão Pastoral da Terra neste governo do presidente Lula. A sanha de fazendeiros e madeireiros da região não respeita nada, e até a ação de uma religiosa idosa se torna para eles um obstáculo para a consecução dos seus objetivos. Se a vida de uma religiosa indefesa é tirada desta forma, como não são tratados os trabalhadores e trabalhadoras do campo!

Surpresos, chocados e impotentes diante de tanta brutalidade, a CPT continua firme em seu serviço aos povos da terra e das águas. Preferíamos que não fosse assim. Mas infelizmente Ir. Dorothy é mais uma mártir da Pastoral da Terra.

Neste início da Campanha da Fraternidade, em que as igrejas convocam o povo brasileiro para a superação de toda a violência e injustiça, pedimos a Deus que a morte de Ir. Dorothy nos ajude a construir a sonhada paz na terra”.

E uma nota da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) termina com as seguintes palavras: “E temos a certeza de que o assassinato de Ir. Dorothy não vai conseguir apagar o grito profético em favor da justiça e da paz. O seu sangue derramado em favor da vida dos pobres agricultores e da defesa do meio ambiente agora clama mais forte por justiça. A sua vida é semente e símbolo de resistência na luta por um modelo de desenvolvimento econômico sustentável, pautado em critérios éticos de cuidado com a natureza e com a vida das pessoas. Acreditamos que sua luta não acabou com sua morte, mas continua viva, como disse um dos agricultores da Anapu: ‘derrubaram Ir. Dorothy, mas a semente dela não morreu, já está nascendo’”⁴.

Depois destes exemplos de serviço no amor solidário com os excluídos do nosso tempo e dos graves problemas da nossa mãe-terra, voltamos a Paulo. Conhecedores e conhecedoras dos escritos do apóstolo podiam objetar por que ele não incentivava as suas comunidades cristãs para levantar-se contra o Império Romano tão injusto e opres-

4. Estas notícias sobre a morte da Ir. Dorothy Stang foram tiradas da revista da CRB *Convergência* n. 380, outubro 2005.

sor? Se tivesse feito isso, teria sido o fim das pequenas células cristãs espalhadas no território romano. Ele sabia das conseqüências. Com mão de ferro através das forças armadas Roma ia ter exterminado cada germe de comunidades cristãs, como aconteceu com outros grupos que se rebelaram. E Paulo sabia disso. Mesmo assim, como já refletimos, as comunidades cristãs minaram o sistema de dominação imperial, vivendo as relações sociais de igualdade, solidariedade e serviço mútuo. Paulo ficava firme com os seus insensatos gálatas que queriam voltar à vida anterior, reproduzindo entre eles o que estava acontecendo no âmbito do império. Ele escreve depois de ter falado do chamado à liberdade que se expressa no servir mútuo, literalmente no servir como escravos e escravas: *“Mas, se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros”* (Gl 5,15).

Podia ser que Paulo dirigisse esta advertência também a nós hoje, pois abrindo os jornais podem-se ler quase unicamente notícias de violência praticada, desrespeitando a vida de inocentes. Viver servindo hoje exige muita coragem de agir contra o espírito do mundo. A busca do poder, de um *status* social elevado, de consumo e de bem-estar individual é uma constante ameaça à vivência de solidariedade nas relações sociais. Precisa-se de uma profunda convicção como cristão e cristã de que o serviço é uma expressão de liberdade em Deus, o que define a existência cristã. Seguimos como batizados e batizadas as pegadas de Jesus que no evangelho de Marcos fala aos discípulos e discípulas: *“Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos”* (10,42-44). E como motivo acrescenta: *“Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”* (10,45). O evangelho de João descreve a ação servidora de Jesus na Última Ceia, lavando os pés dos seus, que nesta época o serviço de mulheres, escravos ou escravas. Depois deste ato falou-lhes: *“Compreendeis o que vos fiz?... Dei vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais... Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis”* (Jo 13,12b.15.17).

E nós? Compreendemos e o praticamos?
Felizes somos nós!

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Ana Flora. *O Evangelho de Liberdade. Estudos Bíblicos n.2: Caminho da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORN, A. van den (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Vozes, 1977.
- CARREZ, M.; DORNIER, P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, M. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulus, 1987, p. 117-138.

- GIAVINI, Giovanni. *Gálatas – Liberdade e Lei na Igreja*. Tradução de José Maria Almeida. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova 1991.
- SCHMOLLER, Alfred. *Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament – nach dem Text des Novum Testamentum Graece von Nestle-Aland und des Greek New Testament*. 8. neubearbeitete Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.
- VV.AA. *The Greek New Testament*. – Con introducción en Castellano. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

Dietlind Nüesse
Academia Sta. Gertrudes
Alto da Misericórdia, s/n
53020-903 Olinda, PE
E-mail: dietlindnuesse@hotmail.com

LIVROS RECEBIDOS

DA EDITORA VOZES:

Gerd Theissen. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 149 p.

Sinivaldo S. Tavares. *Jesus, Parábola de Deus*. Cristologia narrativa. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 140 x 210 mm, 91 p.

Alfonso García Rubio (org.). *O humano integrado*. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 160 x 230 mm, 295 p.

Ludwig Feuerbach. *A essência do Cristianismo*. Coleção Textos Filosóficos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 160 x 230 mm, 343 p.

Martin Heidegger. *Metafísica de Aristóteles* θ 1-3. Sobre a essência e a realidade da força. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 237 p.

Francis Bacon. *Ensaaios de Francis Bacon*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 183 p.

Ana Cristina de Faria; Ivan da Cunha; Yone Xavier Felipe. *Manual prático para elaboração de monografias*. Trabalhos de conclusão de Curso, Dissertações e Teses. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 140 x 210 mm, 86 p.

Maria Marly de Oliveira. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 140 x 210 mm, 182 p.

Vitor da Fonseca. *Cognição, Neuropsicologia e aprendizagem*. Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 140 x 210 mm, 183 p.

Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida. *Atividades lúdicas*. Jogos para animação de grupos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 140 x 210 mm, 85 p.

Cynthia Granja Prada. *Educação saudável – Filhos Felizes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 140 x 210 mm, 87 p.

Cleine Rennó Junqueira; Sigmar de Mello Rode. *Ética na Odontologia*. Coleção Ética nas Profissões. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 110 p.

Jacques Fricker. *Comer para emagrecer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 213 p.

Luiz Cechinato. *Escola Bíblica III*. Visitando famílias. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 140 p.

Itamar Vian; Aldo Colombo. *A arte de escolher*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 108 p.

Alain Touraine. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 160 x 230 mm, 207 p.

Juarez Gomes Sofiste. *Sócrates e o ensino da Filosofia*. Investigação dialógica. Uma pedagogia da docência em Filosofia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 160 x 230 mm, 157 p.

Vasco Pedro Moretto. *Planejamento*. Planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 134 p.

Ursula Marianne Simons. *Blocos Lógicos*. 150 exercícios para flexibilizar o raciocínio. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 215 p.

Verônica Regina Muller. *História de crianças e infâncias*. Registros, narrativas e vida privada. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, 135 x 210 mm, 151 p.

DAS EDIÇÕES PAULINAS:

Paulo F. Valério. *Deus justo e misericordioso*. Na experiência de Abraão e do Servo Sofredor. São Paulo: Paulinas, 2007, 140 x 210 mm, 312 p.